

EIXOS DE TRABALHO*

Atualmente, a clínica das neuroses tem sido marcada por impasses no diagnóstico e na localização da demanda que dificultam a direção do tratamento. Deparamo-nos com casos nos quais a trama edípica não se evidencia como balizadora, mas que não se configuram como psicoses. Como sustentar uma prática psicanalítica que leve em consideração as novas formas de apresentação das neuroses no século XXI? Como poderíamos localizar e tratar os neuróticos, se temos dificuldades para encontrar em muitos deles a referência ao Nome-do-pai, o consentimento com a castração, a disjunção entre o significante e a pulsão? Como conceber a neurose sem necessariamente nos referirmos ao Outro? São questões que mobilizam a investigação da 27ª Jornada da EBP-MG. Dessas indagações iniciais, discernimos três eixos de trabalho:

Eixo 1: Onde estão os neuróticos e de onde não saem

Histeria e neurose obsessiva se mantêm ainda como as duas principais neuroses destacadas desde Freud. Mas elas nem sempre se apresentam como antes.

No caso da neurose histérica, classicamente, a recusa do feminino a manteria cativa do corpo do Outro. Seja quando se dirigisse à Outra mulher como aquela que decifraria o enigma da feminilidade, seja quando se entregasse à devastação na parceria amorosa. No entanto, são frequentes, hoje, os casos em que o sujeito histérico parece se recusar a colocar-se como sintoma do corpo do Outro, a consentir que sua satisfação passe pelo Outro. São casos em que o corpo se apresenta como Um sozinho, imerso no império da imagem, assolado por procedimentos estéticos, dietas sem fim ou, ainda, pela repulsa às relações amorosas devido à afirmação de uma identidade d'A mulher que não admite equívocos.

Na neurose obsessiva, por sua vez, o pensamento seria a via privilegiada para regular a satisfação do corpo situando o falo como o valor por excelência ao qual todos os objetos se reduziriam. Contudo, em uma época marcada pela queda do falocentrismo, os obsessivos parecem

* Além de elaborações pessoais, a redação destes Eixos foi realizada a partir de discussões periódicas com Maria José Gontijo, também coordenadora da 27ª Jornada da EBP-MG, e contou com a revisão de Sérgio Laia, diretor da EBP-MG. Além disso, essa produção pôde se valer de conversas realizadas com colegas que compõem os três Cartéis que se dedicam a investigar os Eixos rumo à Jornada, especialmente com Ana Lydia Santiago (Eixo 1), Lilany Pacheco (Eixo 2) e de minha participação no Cartel do Eixo 3, composto também por Simone Souto (Mais-Um), Cristiana Pittella, Elisa Alvarenga, Fernando Casula, Maria Wilma Faria e Rodrigo Almeida.

encontrar grandes dificuldades para lidarem com a satisfação que lhes toma o corpo. Suas ruminções parecem se esvaziar ou lhes remeterem à difundida “síndrome do impostor”. A ascendência do olhar persiste para os obsessivos, mas sob novas condições. Não tanto sob o véu da interdição que os impelia e mortificava, mas muito mais incitada por uma urgência de satisfação, por uma cativação com a imagem à qual cedem sem pensar. É o que encontramos, por exemplo, na profusão em massa da pornografia e na adição ao mundo dos games. Esses modos de satisfação também podem vir acompanhados de um desinteresse sexual difuso, uma desilusão contumaz com os estudos ou com a profissão, um tédio e mau humor incorrigíveis, uma persistente escolha pelo isolamento social e um distanciamento do que poderia conferir mais iniciativa na vida.

Podemos dizer que, nas mutações atuais da histeria ou da neurose obsessiva, o que prevalece é a inibição frente ao sexual? Mesmo quando nelas encontramos uma profusão de referências ao sexo? O que se manifesta como real na vida parece lhes bloquear a existência, não permitindo avançar, mesmo quando se mostram descolado(a)s em suas escolhas, inclusive naquelas concernentes à sexualidade. Quais registros a prática psicanalítica recolhe dessa inibição?

Nesse contexto em que os referenciais simbólicos classicamente norteadores das neuroses não se evidenciam mais tão facilmente, a elucidação que Miller faz do chamado “últimíssimo Lacan” torna-se decisiva¹. Trata-se de um ensino marcado pela premissa da inadequação do simbólico para abordar o real, o que nos conduz à proposição de que o imaginário é a única via para essa abordagem.

Nesse “momento de concluir” do seu ensino, Lacan ressalta que a existência de uma hiância entre o imaginário e o real produz uma inibição, uma inibição em “imaginar o real”². A hiância já se fazia presente nas concepções freudiana e lacaniana das neuroses, seja na demarcação da cisão do eu, seja na apresentação do inconsciente como não realizado, como fenda. Tratava-se de um esforço em abordar o real a partir do simbólico, enquanto o imaginário se impunha como um obstáculo nesse percurso. Porém, situar a hiância entre imaginário e real implica uma torção pela qual é o simbólico que aparece como obstáculo. Há um impedimento ao ultrapassamento dessa hiância, na medida em que o imaginário está subordinado ao simbólico. Contudo, em nosso mundo onde os referenciais simbólicos se calam e as imagens se exibem, essa hiância aparece mais exposta.

¹ MILLER, J-A. *El ultimísimo Lacan*. Buenos Aires: Paidós, 2014.

² LACAN, J. *Le séminaire. Livre 25: le moment de conclure*. Lição de 09/05/1978. Inédito.

Vale, então, investigar se a inibição para se *imaginar o real* não se constituiria, hoje, como um “fato clínico”³ determinante para a experiência analítica das neuroses e que precisamos elucidar. No que concerne também às neuroses, uma análise, ao franquear outro modo de experimentar a satisfação do sintoma, permitir-nos-ia sair dessa inibição? *Imaginar o real* implicaria manipulá-lo a partir da imagem, do *visual*⁴, desembaraçando-se da captura da imagem pelas palavras? O que se fixa como visual nas vidas dos neuróticos, uma vez localizado e tratado em uma análise, conferiria à imagem um novo estatuto?

Eixo 2: A tela do fantasma e a esfoliação do imaginário

Freud localizou o fantasma como objeto de uma construção em análise. Ou seja, o fantasma implicaria, para o analista, um recurso diferente da interpretação para que se pudesse discernir qual o axioma que se apresenta, em cada analisante, como uma formulação sobre o próprio ser. Por isso, Freud se dedicou à elucidação do que se apresentava como cena fantasmática, uma história que compõe um cenário com suporte simbólico e representações imaginárias. Lacan, por sua vez, pôde destacar, na própria cena fantasmática, o que se configura como uma tela para o real, para o irrepresentável, um anteparo com o qual cada analisante tenta defender-se da incógnita relativa a seu próprio ser. Foi essa concepção da tela que permitiu a Lacan propor-nos uma travessia do fantasma. Tratar-se-ia de ultrapassar o que se localiza, em análise, como uma identificação ao objeto do fantasma. Essa travessia revela uma verdade que tem efeitos de deflação do desejo. Contudo, ultrapassar o impasse quanto ao desejo não resolve o impasse com a satisfação do corpo. Atravessar a inércia imaginária da tela do fantasma não dissipa a reiteração de um gozo opaco.

O ultimíssimo Lacan retoma esse impasse com uma proposta que nos parece problematizar a travessia do fantasma. Como elucida Miller, o fantasma passa a ser apresentado por Lacan como um girar em círculos que não encontra saída. Ou seja, mesmo que se ultrapasse a identificação ao objeto, o fantasma continua existindo. Por isso, no *Seminário 25*, Lacan aponta, quanto ao fantasma, que a ideia de um despertar é impensável⁵. Nesse sentido, poderíamos indagar se a noção de debilidade mental, destacada por Lacan nesse momento, elucidaria o que se passa com os neuróticos de hoje.

³ MILLER, J-A. *op. cit.* p. 258.

⁴ MILLER, J-A. *op. cit.* , p. 247-259.

⁵ LACAN, J. *op. cit.* Lição 1.

De todo modo, um problema se impõe: como uma análise pode, então, operar e dar provas de sua eficácia? Uma via seria os neuróticos passarem a se virar com um corpo estranho que, embora lhes seja pregnante, não encontra abrigo nem na imagem de si referente ao próprio eu, nem no que se localizou como o objeto do fantasma. A experiência dessa estranheza que ao mesmo tempo atrai e afasta pôde ser localizada por Freud como *Unheimlich*, o *estranhamente familiar*, a *inquietante estranheza* ou, também, como se tem traduzido, o “infamiliar”. Lacan, em seu último ensino, localiza a inquietante estranheza no imaginário do corpo, na medida em que o corpo é impelido por uma satisfação que, por seu efeito perturbador, imprime uma espécie de mancha na imagem ideal do corpo próprio, do eu. O *Unheimlich* mostraria, então, aquilo que o fantasma recobre: é uma imagem do real na qual certo modo de gozo se fixou e que os neuróticos tentam expulsar como um corpo estranho, intrusivo, um excesso que extrapola o enquadre fantasmático, desagrega a imagem do corpo próprio e não encontra seu devido lugar quando se fala.

Como localizar a manifestação desse corpo estranho na clínica das neuroses? Poderíamos dizer que sua presença está obscurecida no que, hoje em dia se apresentam como crises de pânico, automutilações, tentativas de suicídio, transtornos alimentares, hiperatividade etc.? Como operar com essa *inquietante estranheza* que o fantasma fracassa em conter e que se impõe ao neurótico? Qual resposta uma análise pode conferir ao excesso que assola os corpos dos neuróticos sob a forma de urgência de satisfação?

Uma via parece se abrir com o que Miller localiza, no ultimíssimo Lacan, em um termo que pode ser elevado à dignidade de uma orientação clínica: a *esfoliação*. Trata-se de esfoliar o imaginário do fantasma, o imaginário do corpo e mesmo a imagem diante da qual os neuróticos experimentam o que lhes parece *infamiliar*. Trata-se de destacar, na experiência analítica, os modos pelos quais a pele necrosada que mantinha o corpo próprio capturado na imagem do objeto passa por um processo de esfoliação. Por fim, como essa *esfoliação do imaginário* nos auxiliaria a discernir, na clínica da neurose, o modo como operamos com o gozo do sintoma?

Eixo 3: Quando tudo é normal, o que se analisa?

O complexo de Édipo foi concebido por Freud como fundamento da realidade nas neuroses. Sua tradução, por Lacan, em termos de metáfora paterna, demarcou – sem excluir a psicopatologia da vida cotidiana – as fronteiras do que pode ser tomado como normalidade. Concebia-se como normal o que se mantinha nos trilhos da referência ao pai. Porém, o declínio da

função paterna, experimentado como um acontecimento civilizatório, tem incidências diretas sobre a norma edípica, diluindo os limites que estabeleciam o que é conveniente ser e fazer.

Uma palavra de ordem se insurgiu, já há algumas décadas, e compõe, hoje, a ordem do dia: é proibido proibir. Vivemos as consequências de que, em nossa civilização, uma interdição soa como autoritarismo. Nessa perspectiva, tudo é normal, todo modo de satisfação deve ser permitido. Trata-se da insistência de um normal que parece extrapolar a interdição paterna. Um normal para o qual não se localiza um ponto de referência além da própria satisfação. Um normal que não só promete se abrir a toda forma de existência, mas que incita o gozo a se exibir sem limites e sem se deixar afetar pelos equívocos do inconsciente. Podemos indagar se esse normal se pauta no que Lacan nos ensinou a escutar na lei do supereu, que paradoxalmente ordena: “Goza!”.

Não é incomum que, hoje, sejamos procurados por neuróticos que não trazem nenhum mal-estar enredado à trama familiar, que não expõem qualquer questão sobre o que fazer com o furo que lhes apresenta o real do sexo ou mesmo que não sabem o que dizer sobre sua demanda de se tratar e sobre o que lhes faz sofrer. Muitas vezes, os encontros periódicos com o analista se compõem como narrativas de fatos cotidianos e repetitivos, amostras do que se acessou em ambientes virtuais e uma dedicação persistente às obrigações às quais os analisantes se sentem normalmente impelidos. Também não é raro quem vai à análise para expor seu silêncio, para mostrar o que o emudece sem, no entanto, conseguir efetivamente dizer a que veio.

Nessa narração que não comporta lacuna, nesse silêncio das perturbações do inconsciente, nessa proliferação de conteúdos virtuais de texto ou de imagens, seria a voz do supereu que atua como força motriz? Seria essa “força demoníaca”⁶, como diz Lacan, que ainda se impõe no campo devastado do Outro e se reduziria, sobretudo hoje, a uma satisfação muito mais anônima e silenciosa? Afinal, atualmente, testemunhamos, muitas vezes, uma análise se enredar em um dar voltas sem cessar, no qual, mesmo que os analisantes digam não ter o que dizer, algo os impele a mostrar o que os captura. Nessa incitação a que algo se exhiba, estaríamos lidando com a incidência do supereu?

Miller extrai do *Seminário 25* uma proposta que nos parece bastante oportuna para a clínica de nossos tempos: a transferência coloca em jogo um “sujeito suposto saber como operar”⁷. Essa operação implica um saber fazer com a imagem: onde a palavra se cala, o analista poderá apontar

⁶ LACAN, J. *Le séminaire. Livre 24: L'insu que sait de l'une bête s'aile à mourre*. Lição de 08/02/1977. Inédito.

⁷ LACAN, J. *Le séminaire. Livre 25: le moment de conclure*. Lição de 15/11/1977. Inédito.

com o dedo, mostrar o equívoco, o que deforma e faz furos na imagem. Trata-se, então, de manipular o imaginário que se exhibe desprendido da fala.

Nessa operação que visa abordar o real a partir da imagem, poderíamos ainda sustentar o sonho como uma via régia? Em seu *Seminário 11*, Lacan havia isolado, em *A interpretação dos sonhos*, um sonho que, segundo ele, distinguia-se de todos os outros relatados ali por Freud. Lacan ressalta deste sonho a voz que levou ao despertar: “Pai, não vês que estou queimando?”. Mas em vez de abordar essa frase apenas como uma construção significativa, ele nos parece dar-lhe o estatuto de uma imagem que incide sobre o real. Teríamos aí uma pista do que, no ultimíssimo Lacan, designa-se como *imaginar o real*? Seria esse um exemplo de um sonho que vale menos pelo que se lê e mais pelo que se mostra? Como podemos distinguir, nos casos de neuroses, o sonho como via para abordar o real através da imagem? E, mais do que isso, o sonho poderia indicar como o analista opera com a manipulação da imagem?

Essa operação sobre a imagem parece convidar-nos não só a uma revisão do lugar do analista, mas também de seu ato. Nessa perspectiva, o ato analítico não seria apenas um corte que incide sobre a articulação significativa, mas um corte que incide sobre a imagem do corpo, que impacta o corpo e o faz experimentar de modo inédito a satisfação. Não é sem razão, portanto, que Lacan aspirou elevar a psicanálise à dignidade da cirurgia. O que podemos testemunhar, hoje, da operação desse analista-cirurgião, quando tudo parece normal e, ainda assim, os neuróticos procuram-nos para fazer uma análise?

Bernardo Micherif – *Coordenador da 27ª Jornada da EBP-MG*

REFERÊNCIAS

LACAN, J. *O seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

LACAN, J. *Le séminaire. Livre 24: L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*. Inédito.

LACAN, J. *Le séminaire. Livre 25: le moment de conclure*. Inédito.

MILLER, J-A. *El ultimísimo Lacan*. Buenos Aires: Paidós, 2014.